

AS MEMÓRIAS DE LEONOR LÓPEZ DE CÓRDOBA (1362/23-1430): INAUGURANDO LINHAGENS

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne*

Resumo: O presente artigo se propõe a fazer uma reflexão crítica acerca de *As Memórias* de Leonor López de Córdoba (1362/23-1430), obra escrita nos primeiros anos do século XV e considerada a primeira autobiografia em castelhano. Dada a importância desta obra, tanto do ponto de vista histórico, quanto literário, o estudo busca evidenciar a contribuição das mulheres nos estudos sobre gêneros autobiográficos, adotando a perspectiva da História das Mulheres e da ginocrítica.

Palavras-chave: Leonor López de Córdoba; Autobiografia; História das Mulheres; Ginocrítica.

Abstract: This article proposes to make a critical reflection on the *Memoirs* of Leonor López de Córdoba (1362/23-1430), written in the early years of the fifteenth century and considered the first autobiography in Castilian. Given the importance of this work, both historically and literally, the study seeks to highlight the contribution of women in studies on the autobiographical genre, adopting the perspective of Women's History and the gynocriticism.

Keywords: Leonor López de Córdoba; Autobiography; Women's History; Gynocriticism.

Submetido em: 05/07/2017

Aceito em: 24/08/2017

¹ Professora Adjunto I do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Possui doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2006), com estágio doutoral (com Bolsa da CAPES) na Université Blaise-Pascal, em Clermont-Ferrand, na França (2003-2004), e pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa (2015-2016), com Bolsa Senior da CAPES).

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(Com licença poética, Bagagem, 1976 - Adélia Prado).

Pretende-se, neste artigo,¹ analisar a primeira autobiografia escrita em castelhano, ditada em Córdoba, entre 1401 e 1404, por Leonor López de Córdoba, filha de Don Martín López de Córdoba, uma das figuras mais importantes durante o reinado de Pedro I de Castela. O texto relata os primeiros anos de sua vida, antes de ganhar notoriedade, como conselheira da regente Catalina de Lancastre.

O texto original de *As Memórias* de Leonor Lopez de Córdoba foi depositado no convento de São Pablo de Córdoba, o qual ela fez construir em 1409. Lá encontram-se também seus restos mortais, assim como o do seu pai. Segundo a medievalista Rivera Garretas, conserva-se hoje uma cópia do manuscrito em Sevilla, na Biblioteca Colombina, duas em Córdoba, uma na Biblioteca pública provincial e outra no Arquivo histórico Viana, e ainda duas cópias em Madrid, na Real Academia de la Historia. As demais cópias foram perdidas.²

Para fundamentar a análise de *As memórias* de Leonor López de Córdoba buscou-se a contribuição de teorias acerca do gênero autobiográfico, em diálogo com contribuições de medievalistas do campo de investigação da História das Mulheres e da perspectiva da ginocrítica,³ que se voltam à recuperação das primeiras auto-representações femininas da cultura Ocidental. O texto está estruturado em três momentos.

¹ Uma versão embrionária deste artigo foi apresentada no II Colóquio Internacional de Literatura e Gênero, na Universidade Estadual do Piauí- UESPI, de 24 a 26 de setembro de 2014, na mesa-redonda intitulada "Escritas de si".

² Consultar, a esse respeito a Biblioteca Virtual de investigación Duoda, da Universidad de Barcelona. Disponível em: <<http://www.ub.edu/duoda/bvid/text.php?doc=Duoda:text:2011.02.0001>>.

³ Termo da crítica literária feminista, cunhado pela estadunidense Elaine Showalter (1981), que defende a importância do estudo das mulheres escritoras, e os assuntos, estilos, temas, gêneros e estruturas dos escritos produzidos por mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária feminina.

Na primeira parte, intitulada “O que sinto escrevo. Cumpro a sina/Inauguro linhagens, fundo reinos”, como os versos do poema de Adélia Prado utilizado em epígrafe desse artigo nos sugerem, buscaremos refletir a questão da linhagem feminina na Literatura assim como a ausência dos escritos autobiográficos de autoria feminina nos estudos teóricos e críticos definidores das particularidades do gênero literário que abarcam as escritas de si. Em um segundo momento, iniciaremos a análise da obra *Memórias* de Leonor López de Córdoba, focalizando a estrutura formal do texto, bem como a primeira parte da obra. A essa parte do artigo, demos o subtítulo de “Minha árvore ginecológica/me transmitiu fidalguias/gestos marmorizáveis”. Daremos continuidade à análise das memórias de Córdoba, em um terceiro momento intitulado “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou”. Pretende-se nesta parte do artigo, identificar dentre as particularidades da obra, a presença de uma “poética da dor” e de confissões plenas de ambigüidades neste relato de vida de fins do medievo, cuja busca pela formação de um sujeito autoral feminino é notável.

“O que sinto escrevo. Cumpro a sina/inauguro linhagens, fundo reinos”

96

A valorização das memórias individuais na contemporaneidade tem levado as várias modalidades que abrangem as escritas de si, como autobiografias, diários, biografias, cartas, relatos de histórias de vida, memórias a alcançarem o estatuto de objeto de estudo de várias áreas, em especial da Historiografia e dos estudos literários. No campo dos estudos medievais, desde o surgimento do interesse pelo período medieval no século XIX, tais gêneros literários sempre serviram em certa medida de fontes de pesquisas literárias, filosóficas, filológicas etc, como via de acesso a representações do sujeito em tempos remotos acerca do mundo exterior e de si mesmo.

De fato, não são recentes as edições das *Confissões* (século IV) de Santo Agostinho, obra considerada por muitos estudiosos como fonte de inspiração para textos de teor autobiográfico posteriores, ou *História das minhas calamidades* (século XII), de Pedro Abelardo, nem tampouco as *Confissões* (século XVIII), de Rousseau. Embora tais obras apresentem formas distintas de expressão conforme o contexto de produção e distanciamentos das preocupações e valores que estão na base dos tempos modernos, como pontua Cynthia Sousa (2006, p. 248) “[...] desde Santo Agostinho, as obras assinaladas são exemplos das formas aceitas, nesse largo período de tempo, de os homens escreverem sobre si”.

No entanto, no que concerne os textos de autoria feminina, anteriores ao século XIX, estes estiveram categoricamente ausentes dos estudos sobre narrativas

autobiográficas. Dado compreensível quando avaliamos o lugar marginalizado da produção feminina na historiografia tradicional dos diferentes campos do saber. A falta de edições e traduções de obras de autoria feminina, portanto, e a falta de conhecimento de tais fontes é responsável pela definição das marcas caracterizadoras do gênero autobiográfico com base em uma genealogia de escritos de autoria masculina desde a Antiguidade tardia.

Nesse contexto, falar em memórias de mulheres - coletivas e/ou individuais - é falar de relações de poder. Concordando com Le Goff (1992, p. 422),

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Efetivamente, o silenciamento da historiografia face à autoria feminina anterior aos séculos XIX, XX é umas dessas manipulações da memória coletiva das quais nós leitores/leitoras, críticos/críticas, escritores/escritoras, professores/professoras fomos constantemente reféns. O efeito desse apagamento histórico levou-nos e ainda nos leva a acreditar que o silenciamento não foi da História, mas sim das próprias mulheres.

Neste sentido, os estudos críticos e teóricos sobre os diversos gêneros literários e sua evolução sofrem uma carência significativa de modelos, de exemplos de obras de autoria feminina. O gênero autobiográfico não poderia ser diferente.

Como atesta a pesquisadora Mercedes Arriaga Florez (2001, p. 9), os numerosos textos autobiográficos escritos por mulheres “[...] não foram tomados em consideração na hora de formular uma definição do gênero ou dos gêneros autobiográficos e, portanto, não puderam alcançar o status de “modelos” a imitar”.

Não é de se estranhar, se refletimos sobre a lamentável coincidência, como aponta Ria Lemaire (1994, p. 58), “[...] entre a sucessão cronológica de guerreiros heróicos nas sociedades patriarcais e a sucessão de escritores brilhantes, na história literária”. Nessa perspectiva, concordamos com Rivera Garretas (1995, p. 160) acerca da inserção das mulheres nesse universo tradicionalmente masculino da escrita, em especial da “escrita de si” nos séculos mais remotos:

[...] é óbvio que as mulheres que quiseram contar por escrito sua vida entraram, enquanto gênero (feminino), em condições de uma precariedade especial. Precariedade, porque a experiência da vida delas não é, por princípio, considerada representativa da experiência universal ou significativa da época, e porque o público a quem se dirige o texto autobiográfico vai julgá-lo (e as autoras são conscientes disso) através do prisma deformante da feminilidade da autora.

No entanto, apesar das barreiras impostas pela cultura patriarcal, a criação feminina sempre existiu paralelamente com a tradição literária masculina, inclusive na produção de relatos de sua própria experiência no mundo e da busca por sua constituição enquanto sujeito histórico e individual, como apontam estudos historiográficos mais recentes.

Desde as últimas décadas do século XX, pesquisadores dentre os quais Rivera Garretas, em *Textos y espacios de mujeres* (1995), Perrot e Duby, em *História das mulheres* (1990), Peter Dronke, em *Women Writers of the Middle Ages* (1984) vêm fazendo um importante trabalho arqueológico de resgate dessas pioneiras ocidentais e de revelação da variedade de seus escritos. Dronke analisa, por exemplo, o relato autobiográfico dos martírios de Perpétua, no início do século III, o manual de educação ao filho escrito por Dhuoda, no século IX, as peças dramáticas deixadas pela monja Rhosvita de Gandersheim, no século X, as cantigas de trobairitz, entre os séculos XI e XIII, as cartas de Heloíse, no século XII, as obras de místicas tais como Hildegarde de Bingen e Marguerite Porète, do século XII ao XV. Rivera Garretas destaca outras escritoras do período. Um dos capítulos de seu livro é dedicado aos relatos de viagem de Egeria, do século IV, intitulado *Itinerarium*, descoberto em 1884 e recentemente traduzido para mais de dez línguas, um outro trata da obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan, do início do século XV.

98

Parte da produção das escritoras estudadas pela historiadora Rivera Garretas (1995, p. 161) constitui-se de relatos autobiográficos, o que a faz concluir que: “apesar de serem vistos muitas vezes como coisas raras, na Europa pré-industrial, não faltam escritos autobiográficos de mulheres”. A pesquisadora enumera alguns textos anteriores às *Confissões* de Rousseau e até mesmo às *Confissões* de Santo Agostinho, a saber: *As Memórias* de Agripina, no século I, *Memórias* de Vibia Perpetua, do século III, as auto-representações de Hildegard de Bingen, século XII, e de Christiana de Stommeln, século XIV, a autobiografia espiritual de Juliana de Norwich, século XIV, a autobiografia laica do *Livro da Mutaçãõ da Fortuna*, de Christine de Pizan, as primeiras autobiografias em castelhano e em inglês, escritas respectivamente por Leonor Lopez de Cordoba e Margery Kempe no século XV, e ainda o *Livro da vida* e *Castelo interior*, do século XVI, escrito por Teresa d’Ávila (GARRETAS, 1995, p. 161-162).

Propomo-nos a analisar agora um desses escritos autobiográficos, as *Memórias* de Leonor López de Cordoba, buscando refletir sobre os elementos de pertencimento ao gênero, a partir das contribuições entre outros de Lejeune, Ricoeur, Arriaga Florez, Leonor Arfuch (2010), e por outro lado, apontar as particularidades da obra, enquanto afirmação de uma voz marcadamente feminina na construção de um espaço de autoridade no campo das Letras.

Concordando com a pesquisadora Leonor Arfuch (2010, p. 57), em seu “O espaço biográfico”, que retoma os estudos de Starosbski:

É preciso evitar falar de um estilo ou mesmo de uma forma vinculados à autobiografia [...] mais do que em qualquer outro caso, o estilo será obra do indivíduo. No limite, e numa perspectiva dissociativa, é possível pensar inclusive que cada uma delas propõe seu próprio tipo, uma combinação peculiar de certos problemas comuns, em que se ganha a diversidade interna em detrimento de uma unidade global do campo.

“Minha árvore ginecológica/me transmitiu fidalguias/gestos marmorizáveis”

Como anunciado anteriormente, *Memórias* de Leonor de Córdoba correspondem à primeira autobiografia em língua castelhana. Nos últimos anos, a obra vem sendo objeto de investigação de vários pesquisadores e pesquisadoras não só na Espanha, mas na Itália e Estados Unidos, sobretudo depois da publicação da edição bilíngüe (castelhano, italiano), por Lia Vozzo, no final dos anos 90, do século passado. Trata-se de uma narrativa curta de 9 páginas, ditada por Leonor López de Córdoba, registrada em cartório provavelmente entre 1396-1397 (AYERBE-CHAUX, 1977, p. 26), que segundo a própria autora teve a intenção de tornar públicos os relatos de sua vida. Córdoba registra a infância no cárcere com a sua família, a morte desonrosa e injusta de seu pai e outros familiares, a perda de seu patrimônio e sua vida de luta e perseverança.

99

A obra pode ser dividida em duas partes: a primeira compreende seu nascimento até a liberação do cárcere, onde viveu 9 anos. A segunda parte relata a reconstrução de sua vida pós-cárcere.

No início da narrativa, De Córdoba se apresenta fazendo referência à sua alta linhagem e vinculação com a casa real. Ela busca, em um primeiro momento, a reivindicação genealógica como autoridade necessária que justifique os relatos de suas memórias. A obra, encabeçada por uma oração, como um ritual, inicia-se com o registro de sua voz autoral em primeira pessoa:

Yo, Doña Leonor López de Córdoba.... juro por esta significanza de en que yo adoro, como todo esto que aqui es escrito es verdad que lo vi y pasó por mi y escríbolo a honra y alabanza de mi Senõr Jesu Christo y de la Virgen Santa Maria su madre que lo parió...[...] es mi intención que quede por memoria, mandélo escribir así como vedes.

Observa-se no trecho em destaque o estabelecimento do pacto de identidade,⁴ ao qual Lejeune (2008) se refere, ou seja o contrato com o/a leitor/a, selado pelo próprio nome do/a autor/a. Vale ressaltar que da mesma forma que a referência à Virgem Maria é uma constante em sua obra, como vinculação de ordem simbólica do materno - sugere Rivera Garretas (1990) - ao descrever sua linhagem, ela se refere tanto à família do pai, quanto à nobreza da família materna, acrescentando ainda a informação da morte prematura de sua mãe; “Soy fija de Donã Sancha Carrillo, sobrina y criada de el señor rei don Alfonso... y mi madre falleció mui temprano”.⁵

Após as descrições da nobreza de seu parentesco ao estilo dos Livros de Linhagem da época, De Córdoba relata seu casamento por aliança, ainda criança e descreve o contexto político das dinastias que estavam em disputa durante sua infância - de um lado o reino de Dom Pedro, de outro o rei Henrique II – bem como o pertencimento do seu pai a uma delas. Em mais de uma passagem, ela enfatiza os valores de lealdade e proezas em defesa da honra e da família real de seu pai, como uma estratégia de descrever não só sua herança material, mas também a das virtudes linhagísticas.

Os próximos episódios da narrativa correspondem a uma série de adversidades, tanto para ela quanto para toda família, descrita com grande clareza e forte teor de dramaticidade. Dentre eles podemos destacar o cerco da cidade de Sevilha por Enrique de Trastâmara. Em 1369, para tomar o poder, Enrique de Trastâmara consegue executar o irmão, o rei Dom Pedro, seus cavaleiros, e igualmente o pai de Leonor de Córdoba, ocasionando o seu encarceramento e da família, assim como o confisco de todos os seus bens.

Na busca por uma maior dramaticidade ao relato e a fim de reafirmar a lealdade e nobreza de seu pai, De Córdoba insere em seu relato um diálogo que seu pai teria tido com um ex-cavaleiro do rei Dom Pedro, que o havia covardemente abandonado para não ser pego pelas tropas de Enrique II: “Sõr Maestre, no os decia yo que vuestras andanzas havia de parar en esto? Y él le respondió: ‘Más vale morir como Leal, como yo lo he hecho que no vivir como vos vivis, haviendo sido traydor’”.

Segundo alguns pesquisadores como Ayerbe-Chaux, Randolph Pope e Bellido, que desde os anos 70 do século XX vêm estudando as memórias de D. Leonor, não apenas pelo seu caráter documental, mas igualmente pelo teor literário, esse diálogo historicamente não poderia ter acontecido, pois o cavaleiro Bertrand du Guesclin não

100

⁴ Segundo Lejeune (2008, p. 57), pacto autobiográfico seria “ o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade. [...] O autobiógrafo incita o leitor real a entrar no jogo dando a impressão de um acordo assinado pelas duas partes”.

⁵ Durante a Idade Média, eram bastante comuns os livros de Linhagem encomendados pelas dinastias reinantes com o intuito de estabelecer genealogias muitas vezes manipuladas para consolidarem o seu prestígio e autoridade (LE GOFF, 1992, p. 400).

se encontrava na cidade. O entrecruzamento entre verdade e ficção, que vemos nessa cena, característico da negociação que o/a autor/a trava no espaço autobiográfico com o leitor/a, serve, neste caso, de elemento construtor da representação de nobreza e de lealdade referente à sua descendência e, por se tratar de um fato que a narradora não vivenciou, o discurso passa de primeira à terceira pessoa. Estes dois elementos fazem parte da construção do *ethos*, no discurso retórico, como fator importante para o convencimento do orador, seguindo os ensinamentos de Aristóteles (1998, p. 33): “Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança.”

A retórica de vinculação de seu pai a um espírito de nobreza e de fidelidade, aos moldes dos heróis das novelas de cavalaria, revela também sua reivindicação, mesmo que indiretamente, a tais características, através dos laços familiares.⁶

No relato de suas memórias no cárcere, a narradora retoma a primeira pessoa. Nele, temos o testemunho comovente do sofrimento dos seus, enquanto memória coletiva e memória individual, e a denúncia da condição sub-humana da prisão Atarazanas de Sevilha, onde os membros de sua família sofreram até a morte, causada pela epidemia da peste. No trecho, descrito a seguir, é possível identificar o destaque da morte do seu irmão Lope de López, e o empenho da autora em comover o leitor inserindo as falas das personagens que antecedem sua morte, como havia feito na descrição da morte do pai:

Y nosos maridos tenian sesenta libras de hierro cada uno en los pies. Mi hermano Don Lope tenia una cadena encima de los hierros en que havia sessenta eslabones (ligações). El era niño de treze anos, la mais hermosa criatura que havia enel mundo. Y al mio marido en especial ponian enel Aljibe dela hambre é teniando seis a sete dias que nunca comia ni bebia por que era primo de las senhoas infantas, hijas del rey don Pedro: En este vino una pestinencia, é murieron todos mis dois hermanos y mis cunhados, é treze caballeros de la casa de mi padre, [...] mi hermano don Lope pidió al Alcayde que nos tenia que dixessen á Gonzalo Ruiz Bolante que nos hacia mucha Charidad, é mucha honrra por amor de Dios: Señor Alcayde sea agora vuestra merced que me tirase estos hierros en antes que salga mi anima, é que no me sacasen al desherradero; á el (dijole) como á moro, si en mi fuese yo lo faria: y en esto salió su anima en mis manos; que havia El un año mas que yo, é sacaronlo en una tabla ál Desherradero como á Moro, é enterraronlo con mis hermanos, é con mis hermanas.

A primeira parte das Memórias se encerra com a morte de Enrique II e a liberação dela e de seu marido, os únicos sobreviventes da família.

⁶ Interessante ressaltar que De Córdoba mandou gravar no túmulo de seu pai o seguinte epitáfio: “Aquí yace el Maestre don Martín López, a quien de Dios Santo Paraíso. Criado del señor rey don Pedro, el cual murió como noble caballero”.

“Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou”

Na segunda parte de seu relato, De Córdoba se refere à busca de reconstrução de sua vida, destacando uma série de episódios nos anos seguintes à sua liberação. Ao contrário da primeira parte em que a narradora assiste à sucessão de desgraças ocorridas às personagens masculinas sem nenhum poder de intervenção, nesta segunda parte o núcleo central da sua narrativa é a sua habilidade na recuperação do patrimônio confiscado, sua persistência e sua relação privilegiada com a virgem Maria.

Seu êxito contrapõe-se à trajetória do marido que após a libertação, parte em busca dos bens perdidos durante sete anos e retorna pobre e fracassado à casa da tia de D. Leonor, quem os havia acolhido. De fato, De Córdoba narra que após sua liberação em Sevilla, seu marido “[...] fue á demandar sus vienes. é anduvo siete años por el mundo”. Ela, no entanto, voltará à Córdoba para morar com uma tia que a acolhe. Após sete anos, se dá o regresso de Ruy Gutiérrez de Hínestrosa, o qual retorna pobre e fracassado em seus propósitos. A breve participação do marido na narrativa se encerra, logo após a seguinte referência: “Entrose por la puerta de mi Señora mi tia”. O restante do relato segue com as ações de várias figuras femininas que estão em seu entorno: dela própria, de duas tias por parte de mãe: uma religiosa, madre superiora do convento de Guadalajara, e de outra tia, chamada de Maria Gomez Carrillo, além de primas e criadas desta última. O agenciamento feminino ao qual Leonor de Córdoba trata em suas memórias pode ser revelador de um possível protagonismo social das mulheres existente naquele período histórico, da Espanha do século XIV, XV. Tal fato sugere uma reflexão sobre a autoridade absoluta do *pater familias*, bem como da idéia de absoluta dependência das mulheres, em relação inclusive à gerência de seus bens, quadro geralmente utilizado na descrição da condição feminina no medievo.⁷ A recuperação de seu patrimônio se dá como ela narra: com “[...] ayuda de mi señora mi tia y de labor de mis manos”.

Desse modo, Leonor de Córdoba consegue convencer a tia a comprar um terreno e nele chega a construir não apenas uma casa para ela e o marido que, segundo o relato, viviam de favor em uma casa junto à da tia, mas ainda “[...] dois palácios, uma horta, outras duas ou três casas para serviço”.

⁷ A esse respeito, vale lembrar o estudo de Régine Pernoud (1981) acerca da gestão do patrimônio familiar e a autoridade patriarcal. A historiadora afirma, a respeito do *pater familia*, que “embora possua toda a autoridade necessária para as suas funções, está longe de ter, sobre a mulher e os filhos, esse poder sem limites que lhe concedia o direito romano. A mulher colabora na *mainbournie*, quer dizer, na administração da comunidade e na educação dos filhos; ele gere os bens próprios porque o consideram mais apto do que ela para os fazer prosperar, coisa que não se consegue sem esforço e sem trabalho; mas quando, por uma razão ou por outra, tem de se ausentar, a mulher retoma essa gestão sem o mínimo obstáculo e sem autorização prévia. Guarda-se tão viva a recordação da origem da sua fortuna que, no caso em que uma mulher morra sem filhos, os seus bens próprios voltam integralmente para a sua família; nenhum contrato pode opor-se a isto, as coisas passam-se naturalmente assim” (PERNOUD, 1981, p. 18).

Suas aquisições e conquistas são interpretadas por Leonor de Córdoba como sendo milagres da Virgem Maria, uma intervenção feminina do divino. Ao longo da narrativa, a autora descreve sua devoção mariana, suas promessas, orações e as consequências imediatas da sua fé.

No entanto, ao mesmo tempo em que se observa uma nítida busca por uma vinculação divina, com o intuito talvez de afirmar sua fé católica, dois episódios do seu relato, apontados a seguir, causam estranhamento:

Leonor de Córdoba testemunha em suas memórias a grande onda de violência da qual os judeus estavam sendo vítimas no final da Idade Média. De fato, o antijudaísmo desenvolvido durante os séculos XI e XIII em várias partes da Europa, só foi realmente observado no reino de Castela no século XIV. Como nos aponta Follador (2014, p. 87), é na guerra dinástica castelhana que “[...] o antijudaísmo foi usado como bandeira política pelo bastardo Enrique de Trastâmara, que almejava o trono de seu meio irmão Pedro I.” e foi se intensificando no século XV “[...] até se transformar em política oficial do governo castelhano, que impôs aos judeus em 1492 a conversão ou exílio”. Acontecimento que foi bastante ressaltado pelo historiador Jean Delumeau no célebre *A história do medo no Ocidente*, no capítulo que trata sobre “Os agentes do satã: o judeu, mal absoluto”. Como ressalta o autor, “[...] eles são a própria imagem do ‘outro’, do estrangeiro incompreensível e obstinado em uma religião, dos comportamentos, de um estilo de vida diferente daqueles da comunidade que os recebe. Essa estranheza suspeita e tenaz aponta-os como bodes expiatórios em tempos de crise” (DELUMEAU, 2001, p. 279).

Como ato de caridade, Leonor adota uma criança órfã, vítima da matança dos judeus pelos grupos chamados “matadores de judeus”, na Espanha. Anos depois, devido uma epidemia de peste, seu filho adotivo contrai a doença e por contágio muitos próximos a Leonor de Córdoba morrem, inclusive seu filho de doze anos. Fato bastante reprovável pelos seus familiares. Em forma de confissão ela declara: “[...] y por mis pecados, treze personas que de noche lo velavan, todos morrieron”.

O segundo episódio que pode nos causar estranhamento é referente à morte de uma criada da tia mencionada que a acolheu em Córdoba. Leonor relata os conflitos de relacionamento com suas primas, decorrentes de ciúmes devido ao tratamento privilegiado que a tia lhe proporcionava. Algumas criadas também buscaram atrapalhar a relação harmoniosa entre as duas. Uma delas tentou convencer a tia de Leonor a impedir a construção de uma passagem direta entre suas casas, e como narra De Córdoba, morreu depois em seus braços, como se fosse uma punição ou feitiço da mesma: “[...] y fui tan desconsolada, que perdi la paciencia, y la que me hizo mais contradicion con la senhora mi tia, se murió en mis manos, comiendo-le la lengua”.

Morte estranha, descrita como milagre da Virgem Maria, como se suas orações tivessem o poder de protegê-la, bem como de punir seus possíveis inimigos.

Alguns críticos apontam ainda para alguns detalhes da narrativa que podem suscitar uma desconfiança dessa aliança com o divino que a narradora busca demonstrar, sugerindo por vezes certa ambigüidade entre o divino e o satânico. Observa-se em seus relatos, por exemplo, a insistente repetição do algarismo seis - número, como é sabido, tradicionalmente associado ao Diabo, como percebe-se nos trechos abaixo destacados:

Rezaba 66 vezes a oração, seguida de 63 Ava Maria.
[...] nosos maridos tenian sesenta libras de hierro cada uno en los pies.
Mi hermano Don Lope tenia una cadena encima de los hierros en que havia sessenta eslabones.

Tal fato poderia talvez justificar o distanciamento da rainha Catalina de Lancaster, que logo depois do registro de suas *Memórias* corta o vínculo com sua conselheira. Seria, talvez, por suspeitas de bruxaria? Embora, crônicas da época comprovam, de fato, que a rainha a ameaçou com a fogueira, castigo, como sabemos, destinado aos acusados de heresia, tal questão permanecerá sem resposta, pois não correspondem ao propósito do presente artigo.

104

Últimas considerações

Lembrando a epígrafe do livro *Viver para contar*, de Garcia Márquez: “[...] a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente ‘recorda’, e como recorda para contá-la”, concluímos a leitura desse singular relato autobiográfico com a percepção reveladora de uma auto-representação feminina vinculada, em certa medida, à dicotomia Ave/Eva. Associação, esta, tão difundida no imaginário medieval através dos discursos teológicos, jurídicos, literários. A partir da narrativa de De Córdoba, podemos perceber o espaço autobiográfico como um emaranhado tecido de identidades múltiplas, pois como ressalta Paul Ricoeur (1997, p. 425 e ss):

[...] a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. [...] A identidade narrativa não é uma identidade estável e sem falhas; assim como é possível compor várias intrigas acerca dos mesmos incidentes (os quais, com isso, já não merecem ser chamados de os mesmos acontecimentos), assim também sempre é possível tramar sobre sua própria vida intrigas diferentes ou até opostas.

Considerando que o espaço das escritas de si é constituído tanto de lembranças quanto de esquecimentos, causa-nos incompreensão a decisão de De Córdoba em não ocultar de suas memórias certos episódios comprometedores, como os acima mencionados. Malgrado o possível risco que algumas das revelações da autora pudessem suscitar, o registro das mesmas representa o maior traço de originalidade deste escrito.

Para finalizar, remetemos novamente aos versos do célebre poema *Com licença poética*, da poetisa Adélia Prado, para mostrar o diálogo da figura de Leonor López de Córdoba com a tradição masculina de textos autobiográficos, bem como a transgressão nele incutida. Por ser o universo da escrita, no contexto da obra, tão marcadamente masculino, ao adentrá-lo, De Córdoba não apenas transgride, mas ainda inaugura linhagens, ao deixar registrada a primeira autobiografia em castelhano. O ato de escrever parece exercer em algumas daquelas escritoras - "espécie ainda envergonhada" que aceitaram "cumprir a sina" - um modo de suportar e de dar sentido às suas existências. Lembrando a epígrafe que Hannah Arendt utilizou para anunciar seu capítulo V da *Condição Humana* (ARENDR, 1997b, p. 188), da escritora Ibsen Dinesen: "As penas, sejam elas quais forem, tornam-se suportáveis se as narrarmos ou fizermos delas uma história".

Como no poema de Adélia Prado, De Córdoba também "escreveu o que sentia", e aceitou os "subterfúgios" que lhe couberam, sem precisar mentir, mesmo quando as afirmações de seu discurso poderiam se voltar contra ela. Talvez, porém, o que realmente tenha buscado tenha sido demonstrar sua força para superar as penas, recusando, de certa maneira, a maldição da linhagem masculina, em seu entorno, a de ser "*gauche*/coxo na vida".

As reflexões apontadas no presente artigo sugerem, portanto, que o significado das narrativas autobiográficas de autoria feminina, no remoto período medieval, além de constituir tentativas de unificação e de construção de sentido dos fragmentos de suas vidas através da escrita, expressam também uma forma de registrar a existência das mulheres no campo das Letras, bem como suas percepções acerca do mundo e de si.

Resgatar, pois, textos produzidos por mulheres ao longo da História configura-se como o grande desafio contemporâneo para se construir uma genealogia feminina na História da Literatura, a fim de legitimar a autoridade feminina no cânone dos diversos gêneros literários.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
ARENDR, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- ARRIAGA FLÓREZ, Mercedes. **Mi amor, mi juez**: alteridad autobiográfica femenina. Barcelona: Anthropos, 2001.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BELLO, Juan Félix Bellido. **La primera autobiografía femenina em Castellano**. Las memorias de Leonor López de Córdoba. Tese (Doutorado en Filología) - Universidad de Sevilla, Facultad de Filología, Sevilha, 2006.
- CALDERÓN, P. El género autobiográfico en las memorias de Leonor López de Córdoba. In: Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, V: Medioevo y literatura. **Actas...** Universidad de Granada, Granada, 1995, p. 463-470.
- DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DRONKE, Peter. **Women writers of the Middle Ages**: a critical study of texts from Perpetua to Marguerite Porete. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- FLÓREZ, Mercedes Arriaga. **Mi amor, mi juez**: Alteridad Autobiográfica Femenina. Barcelona: Anthropos, 2001.
- FOLLADOR, Kellen Jakobsen. A Guerra Trastâmara como um exemplo da intolerância contra os judeus na Idade Média. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v. 6, n. 1, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira. Campinas: Ed. Unicamp, 1992, p. 419-476.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-71.
- LEONOR LÓPEZ DE CÓRDOBA. **Memorie**. Parma: Lia Vozzo Mendia, 1992.
- PERNOUD, Régine. **Luz e sobre a Idade Média**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1981.
- PRADO Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1997. t. III.
- RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. **Textos y espacios de mujeres**. Europa, siglos IV-XV. Barcelona: Icaria, 1990, p. 159-178.
- SOUSA, Cynthia. Narrativas autobiográficas em perspectiva comparada: histórias de formação de professores universitários. In: SOUZA, Elizeu Clementino. **Tempo, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.